Director: Fernando Gomes > N.º 8 > Novembro 2008

CGTP INTERSINDICAL NACIONAL cultura

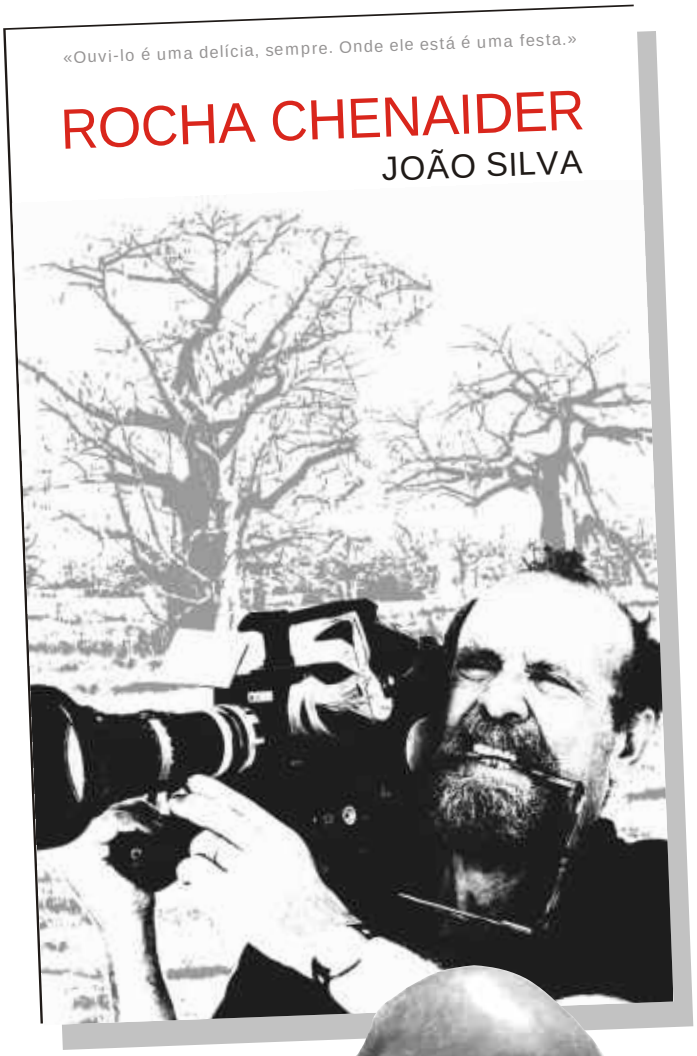
E D I T O R I A L

→ No número anterior realçávamos a responsabilidade que aos sindicatos cabe assumir perante os trabalhadores que representam no que respeita a dinamização de actividades culturais e, designadamente, quanto à preservação e valorização da sua memória e património. O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul mostrou de que forma o seu património documental pode ser comunicado e valorizado, organizando, no contexto da comemoração do seu centenário, uma exposição alusiva aos seus 100 anos de história. Ao evocá-los, este Sindicato quis partilhar com todos alguns dos documentos que considerou mais significativos no decurso da sua longa actividade de defesa dos direitos dos seus associados. Mas, ao fazê-lo, revelou também o muito que queda por fazer quanto à preservação e organização dos seus arquivos.

Queremos também destacar a mais recente edição da CGTP-IN, *Rocha Chenaider,* de João Silva, uma justa homenagem da CGTP-IN, e dos colegas que com ele tiveram o privilégio de trabalhar. A edição desta obra representa para a CGTP-IN um importante compromisso face ao trabalho de preservação e valorização da sua memória.

No decorrer do presente ano, José Alarcão Troni cessou as suas funções como Presidente do INATEL. Aproveitamos o ensejo para deixar aqui expressa a nossa gratidão pela receptividade e apoio que sempre prestou à actividade cultural da CGTP-IN.

Fernando Gomes



«[...] uma justa homenagem da CGTP-IN, e dos colegas que com ele tiveram o privilégio de trabalhar. A edição desta obra representa para a CGTP-IN um importante compromisso face ao trabalho de preservação e valorização da sua memória.»

João Silva, autor de *Rocha Chenaider*, na sessão de lançamento no Centro Cultural de Belém

RAUL DE CARVALHO

O POETA DO CORPO, DA SOLIDÃO E DA MEMÓRIA

→ Raul de Carvalho nasceu na vila de Alvito em 1920, vindo a falecer no Porto, em 1984.

Iniciou a actividade literária nas revistas *Tábola Redonda*, então dirigida por David Mourão-Ferreira, e *Árvore*.

A sua vasta obra poética (cerca de 24 títulos publicados) evoca as memórias da sua infância alentejana (Raul de Carvalho percorre, no corpo mais sensitivo da sua fala, a exaltação deslumbrada dos lugares dos afectos), inscrevendo o seu discurso inicial numa temática de pendor neo-realista (em 1942, o seu livro de estreia "Contos e Poemas de Modernos Autores Portugueses" antologia alguns dos nomes iniciais do Movimento) vindo a afastar-se progressivamente de um assertivo comprometimento com o real, a partir de *Realidade Branca*, de 1968, livro em que o seu discurso se aproxima da coloquialidade pessoana e, embora fugazmente, se deixa envolver pelo surrealismo o qual, só de forma lateral e episódica se revela e está presente na sua obra posterior.

Publicando com grande irregularidade temporal, com largos hiatos criativos (que chegam a durar 10 anos de absoluto silêncio), Raul de Carvalho publicaria, a partir de 1970 e até ao ano da sua morte, 14 livros, ao ritmo de um título por ano, entre os quais destacamos a antologia *Realidade Branca*, editada pelo Círculo de Leitores, e *Poesia Instante*, de 1984, publicado na Ulmeiro.

Jorge de Sena escreveu sobre o autor de *Aleluia dos Camponeses*, que nessa poesia perpassa "*um desespero anárquico constantemente dividido entre um terno sentimento e uma solidão angustiosa*" e Serafim Ferreira considera-o "*um dos nomes mais expressivos da poesia portuguesa deste nosso tempo*". Ressalvando algum exacerbado elogio fúnebre, o certo é existir na poesia de Raul de Carvalho (com toda a irregularidade da sua construção, numa "linguagem que não se depurou e pouco evoluiu", como lucidamente o detectou Gastão Cruz), claros traços de uma identidade singular, na qual o compromisso com o real está patente e da qual emerge uma autenticidade elementar, característica, de resto, da poesia portuguesa dos anos 1950.

Apesar dessa dispersão formal que a sua obra denuncia, produto da espontaneidade criativa, da ânsia de inscrever a sua voz no coro singular da sua geração, Raul de Carvalho imprime à sua poesia um virtuosismo discursivo que viria a enunciar (e influenciar) os primeiros textos de Herberto Hélder e de Ruy Belo (neste último é detectável uma tessitura descritiva próxima de Manuel da Fonseca) sobretudo quando o discurso aflora a simplicidade do quotidiano e a descrição narrativa do real.

A poesia de Raul de Carvalho situa-se entre os principais afluentes do neo-realismo (sobretudo quando o autor descreve o seu Alentejo e as agruras dos trabalhos na terra) e do surrealismo, movimentos aos quais o autor de *Talvez Infância* vai buscar a essência elementar da sua voz, fazendo uma espécie de síntese e partindo dessa ponte sem margens para inaugurar na poesia portuguesa contemporânea um dizer originalíssimo e pessoal, autónomo e sensível, na qual o desespero, a denúncia e a solidão se constituem elementos fundadores de uma simbiose poética iluminada e pungente.

A presença de Fernando Pessoa (sobretudo o discurso solar e teatral de Álvaro de Campos) é detectável e não iludido pelo autor de *Serenidade és Minha: Olha, Mila, entre os medos que me assaltam e eu cultivo/ o principal é que minha mãe já não goste de mim./Sabes, nunca li com vagar o Álvaro de Campos/porque aquilo era demasiado meu para ser dele./porque as multiplicações dele/são as minhas multiplicações(...)* Nesta linearidade discursiva se funda grande parte do universo poético de Raul de Carvalho, na assunção desinibida da necessidade de se expor para se conciliar consigo e com os outros, num jogo de símbolos e de ressonâncias partilháveis. Daí a busca de referentes ontológicos com os poetas que lhe serão afins, mesmo quando em extremo de acinte se rebela contra os *domingos* trágicos de Manuel da Fonseca, opondo-lhes a esperança solar à crueza do real que o autor de *Seara de Vento* inscreve nesse magnífico grito do nosso descontentamento (contra o "folclore" burguês) que é o poema "Domingo".

> «[...] Raul de Carvalho consegue, com extrema subtileza, subtrair o seu modo confessional de dizer a paixão, o corpo e o prazer, a um recato que nada tem de moralista, antes se detém no pudor da exibição pública dos seus íntimos segredos.»

Também no meu livro "Voos de Pássaro Cego", retomo a temática que opôs os dois poetas, num poema que se pretende síntese do posicionamento de ambos face ao real quotidiano:

Raul

Os domingos não têm alegria
Ficou-nos esta peste a inundar raízes
O sol magoa e pela taímosamente
E vai-se sonolento a outras latitudes

Os domingos do Manuel
Tinham múdas ranhosas e sonâmbulas
Bibes e tunas doidas do Zé-Jacinto
O cheiro quente a estrume e a coentros
Que descia dos montados no Outono

Tu, Raul
Mastigaves o musgo na água morna
Dos olhos dos rapazes
Descias aos infernos dos homens

Perdidos nos labirintos
Da volúpia primordial

E escrevias poemas como quem rasga os olhos
Para fazer a noite maior

O Manuel via passar
Pelo forro das lágrimas Sopeiras, malteses e meninas
perdendo a virgindade pelos umbrais do fogo (...) [1]

[1] Excerto de Poema "Domingos", do meu livro "Voos de Pássaro Cego" – Vega.

Poeta do corpo, sentindo igualmente que essa vertigem o incluirá (como António Botto, Genet, etc.) na galeria dos poetas malditos, Raul de Carvalho consegue, com extrema subtileza, subtrair o seu modo confessional de dizer a paixão, o corpo e o prazer, a um recato que nada tem de moralista, antes se detém no pudor da exibição pública dos seus íntimos segredos. No entanto, o poeta caminhou sempre livre pela vida, "sem nunca pedir licença para existir", da forma como quis, do modo diferente como o assumiu, exibindo apenas o seu "humano direito à alegria".

Raul de Carvalho é também o poeta dos afectos, dos lugares que o corpo reconhece e a memória recolhe, poeta dessa "aridez da terra plana" que "passou como um tractor pelo peito da gente e o deixou raso". A sua poesia percorre os lugares da infância, o seu Alvito natal *(Na Vila de Alvito é que eu fui criado)*, apreendendo esse fogo da terra e nela debruçando o corpo para última morada: "*Regresso à minha terra; andei perdido.../Chamem-me réprobo, ignaro, o que quiserem.../Sou como o pássaro que, depois de ferido,/Que Deus lhe dê a campa que lhe derem...// Não olho altares, não rezo, não ajoelho/Mas em minha alma a comoção dorida/De quem volta de longe, de bem longe.../E encontra à sua espera toda a sua vida. (...) Voltei à minha terra, aqui faz sol!*"

É ainda com um estremecimento no peito que ouvimos, pela voz dorida de Adriano Correia de Oliveira, o texto testemunhal de Raul de Carvalho, afirmativo das suas raízes e memórias: *Quem manda na vila/Não lhe dá cuidado./Malteses, ganhões/sangue misturado/Na vila de Alvito/é que eu fui criado.* ■

> «[...] Raul de Carvalho publicaria, a partir de 1970 e até ao ano da sua morte, 14 livros, ao ritmo de um título por ano, entre os quais destacamos a antologia *Realidade Branca*, editada pelo Círculo de Leitores, e *Poesia Instante*, de 1984, publicado na Ulmeiro.»

Domingos Lobo

FICHA TÉCNICA

Director: Fernando Gomes
fernando.gomes@cgtp.pt

Periodicidade: Semestral

Tiragem: 6000

Impressão: CGTP-IN

O boletim pode ser consultado também em www.cgtp.pt

Contactos:
Rua Vitor Cordon, 1, 2.º
1249-102 Lisboa
tel.: 213236500
fax: 213236695
cgtp@cgtp.pt

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL O MUNDO DOS TRABALHADORES E SEUS ARQUIVOS

São Paulo
9 a 11 de Setembro 2008

→ No âmbito do programa das comemorações dos 25 anos da Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Brasil, a CGTP-IN foi convidada a fazer-se representar no I Seminário Internacional sobre "O Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos", realizado no auditório Domingos Galante Jr., Sindicato dos Químicos e Plásticos, em São Paulo, Brasil, entre os dias 9 e 11 de Setembro do presente ano. O convite foi realizado pelo Centro de Documentação e Memória Sindical (CEDOC) da CUT, uma das entidades promotoras do evento. As outras duas instituições promotoras, sem contar com as várias entidades que colaboraram na organização do evento[1], foram: o Arquivo Nacional do Brasil (Rio de Janeiro) e a Associação Latino-Americana de Arquivos (ALA) (México).

O programa do Seminário contemplava três dias de comunicações e debate e a manhã do primeiro dia contou com as intervenções do Secretário-Geral da CUT, Quintino Marques Severo[2] , do Director-Geral do Arquivo Nacional do Brasil (Rio de Janeiro), do Presidente da Associação Latino-Americana de Arquivos (ALA) (México), da Presidente da Associação de Arquivistas de São Paulo, Ana Camargo, da Coordenadora Executiva do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – Ministério do Desenvolvimento Agrário (Brasília), de um representante da Confederação Sindical dos Trabalhadores das Américas (CSA) e do Presidente da CUT, Arthur Henrique da Silva Santos.

« [...] o registo dos factos históricos deve ser uma preocupação fundamental a ter em conta pelas associações sindicais, face à omissão que os meios de comunicação social, em geral, praticam em relação às actividades sindicais;[...]»

[1] Veja-se o sítio web do Seminário, disponível em:http://www.an.arquivonacional.gov.br/seminario/index.html.

[2] A organização e administração do arquivo geral, das actas e documentos legais é uma incumbência da Secretaria-Geral da CUT, e, portanto, o CEDOC encontra-se organicamente na sua dependência.

São Paulo
9 a 11 de Setembro 2008

De destacar a intervenção do presidente da CUT, que salientou a importância de três aspectos fundamentais no contexto do trabalho de preservação e organização da documentação arquivística de natureza sindical: o registo dos factos históricos deve ser uma preocupação fundamental a ter em conta pelas associações sindicais, face à omissão que os meios de comunicação social, em geral, praticam em relação às actividades sindicais; o relevo que deve ser dado ao trabalho de preservação da memória sindical e das lutas dos trabalhadores em geral; e o resultado deste trabalho prévio deverá ser a disponibilização desta documentação para consulta por parte de trabalhadores e demais interessados. Arthur Silva Santos sublinhou ainda que trabalhadores, antigos funcionários e dirigentes sindicais devem ser incentivados a gravar a sua história, realçando o papel da história oral neste contexto. O presidente apelou também a que os dirigentes sindicais partilhem a documentação que mantêm em seu poder, que a coloquem à disposição dos trabalhadores e investigadores.

As comunicações proferidas no primeiro dia tiveram um cunho essencialmente teórico e de problematização, contando com contribuições de investigadores oriundos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Duke (Carolina do Norte – EUA) e da Universidade de Buenos Aires (Centro de Documentação e Investigação da Cultura de Esquerda na Argentina). Os temas das duas sessões deste dia foram: o "Mundo dos Trabalhadores: a cidade e o campo" e "Arquivo, Memória e Cidadania: o sentido dos arquivos".

De salientar a contestação da teoria pós-modernista[3] aplicada à realidade arquivística, afirmando-se que os arquivos reflectem fielmente, desde que respeitados os princípios gerais da arquivística (princípio do respeito pela proveniência e integridade dos documentos), a actividade da organização ou pessoa responsável pela sua constituição.

A responsabilidade pública do Estado em relação à documentação sindical e do mundo dos trabalhadores foi uma das questões mais afloradas nas várias comunicações e com maior destaque ainda no debate que se seguiu. Chamou-se a atenção, no entanto, para o facto desta actuação, que se reclama por parte do Estado, ser em vão, caso os sindicatos e demais organizações interessadas não estejam receptivos à preservação da sua memória, se não existir no seu seio uma preocupação genuína com a valorização dos seus acervos documentais. Além disso, levantou-se a delicada questão da autonomia das associações sindicais. Ao Estado cabe um papel de maior intervenção nesta matéria, mas há que ter em conta a autonomia destas associações.

«A responsabilidade pública do Estado em relação à documentação sindical e do mundo dos trabalhadores foi uma das questões mais afloradas nas várias comunicações [...]»

O segundo e terceiro dias foram dedicados, maioritariamente, ao conhecimento do trabalho desenvolvido por vários centros de documentação na área da preservação e valorização de acervos documentais do mundo do trabalho.

Silvestre Lacerda, Director-Geral de Arquivos (DGARQ – Portugal), abordou, entre outras questões, a responsabilidade social do Estado no que respeita a preservação de acervos sindicais, na medida em que estes são, também eles, património arquivístico.

[3] Esta teoria, aplicada à realidade arquivística, defende que a constituição dos arquivos, em geral, qualquer que seja a instituição ou pessoas responsáveis pela sua constituição, não é inocente e o arquivista, tanto como o historiador e os investigadores em geral, deverão ter em conta este aspecto no seu trabalho, questionando a veracidade e autenticidade dos documentos. Esta teoria poderia ser resumida nesta expressão de Terry Cook: «Nada es neutral. Nada es imparcial. Nada es objetivo.» Cfr. Terry Cook – Archivística y posmodernismo: nuevas fórmulas para viejos conceptos. *Combates por la memoria: Archivística de la posmodernidad. Tabula: Estudos Archivísticos de Castilla y León*. Salamanca. ISSN: 1132-6506. N.º 10 (2007), p. 59-81.

São Paulo | 9 a 11 de Setembro 2008

Salientou a importância das parcerias com entidades públicas na concretização de projectos associados aos arquivos sindicais. Em relação à organização destes acervos, encarada numa perspectiva mais lata, ou seja, a partir das Centrais Sindicais, defendeu uma perspectiva descentralizada no que respeita à sua gestão, incumbindo as associações sindicais intermédias (uniões/federações) da gestão da sua própria documentação. Resumiu a sua perspectiva com a seguinte imagem: «Em vez de oferecer um peixe, ensinar a pescar.» Acrescente-se que esta é uma tendência cada vez mais generalizada actualmente no que respeita a gestão documental levada a cabo, nomeadamente, pelos arquivos nacionais de vários países, entre os quais se contam, precisamente, o caso português e brasileiro. Ao nível das estruturas sindicais, o mesmo acontece, por exemplo, em Espanha. A central Comisiones Obreras (CC.OO), ao invés de centralizar em Madrid toda a documentação das suas associações, criou uma rede de arquivos históricos, que são autónomos na gestão dos seus arquivos, mas partilham na mesma página web toda a informação associada à sua organização (inventários, catálogos, etc.).

«Mas, para além dos aspectos estritamente profissionais e técnicos, um evento desta natureza tem implícitos outros aspectos fundamentais, sobretudo pela visibilidade que empresta a uma vertente do sindicalismo ainda pouco explorada e que carece de um forte trabalho de sensibilização.»

O Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN fez-se representar no segundo dia de Seminário com a comunicação intitulada *O Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN*. Perante a qualidade da organização e a possibilidade de reflexão e debate em torno de uma temática geralmente pouco abordada, os presentes manifestaram o desejo de ver realizado um novo Seminário.

As contribuições dos vários conferencistas possibilitaram-nos o contacto com experiências diversas no que respeita a organização arquivística de acervos documentais, e com as principais dificuldades sentidas pelos profissionais afectos a esta área de trabalho, nomeadamente em contexto sindical.

Mas, para além dos aspectos estritamente profissionais e técnicos, um evento desta natureza tem implícitos outros aspectos fundamentais, sobretudo pela visibilidade que empresta a uma vertente do sindicalismo ainda pouco explorada e que carece de um forte trabalho de sensibilização. Falamos da preservação e conservação da memória das associações sindicais e do mundo do trabalho em geral. O facto desta iniciativa ter contado com a presença do presidente e secretário-geral da CUT revela que esta central sindical brasileira valoriza este trabalho, assume-o como uma responsabilidade perante os trabalhadores que representa e percebe que é necessário continuar a actividade que tem vindo a ser desenvolvida.■

Filipe Caldeira

JOÃO SILVA
DOAÇÃO DE ESPÓLIO FOTOGRÁFICO

→ No passado dia 15 de Maio de 2008, João Silva, repórter fotográfico da CGTP-IN entre 1979 e 2007, doou a esta Confederação parte do seu espólio fotográfico.

O acervo, situado entre os anos de 1994 e 2001, é composto por cerca de 143 envelopes com negativos em formato 35mm, retratando diversas actividades de Sindicatos, Federações e Uniões do Movimento Sindical Unitário. Estão representados os sectores da Alimentação, Cerâmica, Transportes, Têxteis e Hotelaria, a União de Sindicatos de Lisboa, a FESAHT, STAD, SINQUIFA, SIESI, FESTRU, FIEQUIMETAL, CIL, CESL, Químicos, Quadros Técnicos, Portaria e Vigilância, Metalúrgicos, Mineiros de Aljustrel, Gráficos, Enfermeiros.

As temáticas são muito diversas: tomadas de posse, vigílias, aniversários, plenários, desfiles, congressos, sessões comemorativas do 25 de Abril, greves, entrevistas, homenagens, entre outros.

O acervo espera agora pelo necessário tratamento arquivístico de preservação, inventariação e digitalização.

Ao João Silva, em nome da CGTP-IN e do Movimento Sindical Unitário, o nosso agradecimento por contribuir desta forma para o enriquecimento do nosso património cultural e histórico, para a preservação da memória que é de todos nós.

SINQUIFA
DOAÇÃO DE COLECÇÃO AUDIOVISUAL

→ No dia 10 de Outubro, por sua vez, o Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro Sul e Ilhas (SINQUIFA) doou à CGTP-IN uma colecção audiovisual composta por quatro bobines fílmicas, película de 16 e 35mm, cujas datas medeiam entre 1977 e 1982.

O acervo regista acontecimentos como o Congresso de Todos os Sindicatos (1977), o 1.º de Maio de 1978 e 1981 e a Greve Geral de 1982.

Ao abrigo do protocolo que a CGTP-IN celebrou com o Arquivo Nacional das Imagens em Movimento – Cinemateca Portugesa, será garantida a preservação destas bobines e feita uma cópia do seu conteúdo para suporte DVD, podendo esta informação ser consultada em breve no Centro de Arquivo e Documentação (CAD) da CGTP-IN ou no SINQUIFA.

Lembramos que se encontra disponível para consulta no CAD a cópia, em suporte DVD, de outros acontecimentos, tais como: 1.º de Maio (1974-76, 1980-82, 1985-86), vários Congressos da CGTP-IN, manifestações, protestos e encontros diversos, a Greve Geral de 1982, entre outros.

EFEMÉRIDES

alavanca

→ 6 de Novembro de 1975:

Realizou-se uma manifestação no Terreiro do Paço, Lisboa, «contra a reacção fascista». O protesto foi convocado pelo Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, tendo contado com a adesão da CGTP-IN e «diversos partidos progressistas».

Palavras de ordem: «O povo não tem medo Pinheiro de Azevedo»; «Reaccionários fora do Governo já»; «Morte ao elp»; «Avançar, avançar, poder popular»; «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos».

Jaime Machado, representante da Intersindical, proferiu uma saudação aos manifestantes.

Alavanca, n.º 39, Novembro 1975, p. 5.

→ Novembro de 1975:

Reuniu-se no Teatro São Luís, em Lisboa, o Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais em Defesa da Revolução (MUTI). Este movimento, que contava com cerca de dois mil aderentes, efectuava, semanalmente, assembleias populares, debatendo a situação do país, pugnando pela «[...] defesa intransigente dos interesses das classes produtoras, operários e camponeses.»

A Reforma Agrária merecia grande atenção por parte deste movimento, que, entre outros projectos, enviava «[...] membros seus às Cooperativas Agrícolas, para colaborarem no ensino da parte administrativa, no aspecto de alfabetização e outros.»

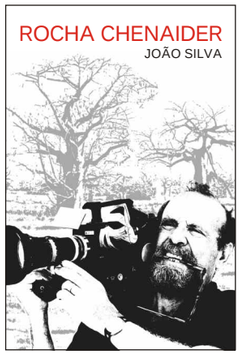
Alavanca, n.º 40, Novembro/Dezembro 1975, p. 6.

→ Novembro de 1976:

Manifestação da Federação dos Têxteis, entre a Praça do Chile e o Ministério do Trabalho, na Praça de Londres.

Com Kalidás Barreto, dirigente desta Federação, «[...] estavam milhares de trabalhadores que exprimiam o seu protesto contra o boicote do patronato, que pretende por todos os meios entravar a negociação do Contrato Colectivo Vertical para os Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal. Milhares de trabalhadores que protestavam contra as manobras de provocação que o patronato vem montando e que culminaram com o despedimento de dois destacados dirigentes sindicais, Manuel Lopes e António Rosas.»

EDIÇÕES CGTP-IN



JOÃO SILVA
ROCHA CHENAIDER

→ A CGTP-IN, através do departamento de Cultura e Tempos Livres, lançou recentemente a obra *Rocha Chenaider*, da autoria de João Silva, repórter fotográfico desta Confederação entre 1979 e 2007 e responsável pela constituição e organização da sua colecção de fotografia, que conta com cerca de 80 000 negativos.

Esta edição, elaborada em colaboração com a Ambiguae Edições, foi a concretização de uma homenagem que a CGTP-IN e os seus colegas de trabalho quiseram oferecer ao João.

O conjunto dos textos que compõem esta obra são o resultado de uma selecção de muitos outros que o João um dia deixou na CGTP-IN e alguns a que tivemos acesso através da sua família. A sua organização nos nove capítulos em que se encontra estruturada é da nossa responsabilidade e procurou, sobretudo, destacar a variedade e riqueza de experiências de que as respectivas histórias são o testemunho.

E a natureza da escrita que caracteriza estes textos é, necessariamente, o reflexo dessa faceta de um sedutor contador de histórias. Trata-se, portanto, de uma escrita com a marca da oralidade que precedeu o seu registo, uma escrita escorreita, acessível, viva e que, à medida que nos conduz pelos mais diversos percursos, nos presenteia, nos recompensa, com os odores, o colorido, os sons de uma Alfama dos anos vinte e trinta, de uma África entre os anos cinquenta e setenta, com as peripécias nos bastidores do cinema português das décadas de trinta e quarenta do século passado, as afoitas tentativas de fuga das prisões por onde passou e as “coisas da tropa”, enfim, com o humor, a ironia e a sensibilidade que pontuam estes relatos e caracterizam o seu autor.

A obra foi apresentada no passado dia 2 de Outubro, no Centro Cultural de Belém, tendo contado com as intervenções de Fernando Gomes, coordenador do departamento de Cultura e Tempos Livres, de Fernanda Botelho, em nome da Comissão de Trabalhadores da CGTP-IN, de Martim Silva, representando a família, e de Manuel Carvalho da Silva, Secretário-Geral da CGTP-IN. Os presentes puderam ainda ouvir uma das muitas histórias do João, lida por Nuno Cabrita, da Ambiguae Edições.

A obra encontra-se à venda nas livrarias.

Para mais informações,
entrar em contacto com
Maria José Judas
maria.judas@cgtp.pt
telefone 213 236 500

PÁGINAS COM HISTÓRIA

UM TEXTO DE URBANO TAVARES RODRIGUES

Urbano Tavares Rodrigues nasceu em Lisboa, mas passou grande parte da infância e da adolescência no Alentejo, o que viria a marcar profundamente a sua obra. Escritor de excepcional sensibilidade, tem expressado através da ficção toda a angústia de uma geração inadaptada, que viveu sob o jugo implacável da repressão fascista.

Tarde de domingo na Beira Baixa. Céu pesado, vinho pelas tabernas e promessas de farturas. O largo juncar-se-ia de cascas de tremoços. Uns concertavam a vida; outros salvavam a Deus, sacrificando, como é da praxe, o dia do Senhor. Vendiam-se por todo o lado frituras e melões, argolas, rascados e lenços amarelos. Os velhotes falavam das vinhas. E à medida que a tarde se descascava, fruto moreno mas insípido, afogavam-se naquele atordoamento os sonhos de toda a semana de quem fizera grande fé no domingo. Na loja do Marreco os seminaristas jogavam às damas, sentados em caixotes. À porta afluíam curiosos, quando bem não alguma rapariga, escandalizada, zangava-se. Iniciam-na, beliscado, sorrateiramente. Pela Rua Grande, muito calma, mal buliam as cortinas duma janela. Seriam as irmãs do padre, já de atalaias... Não teriam a desfiada dos pares, que se haviam de juntar na estrada, em número, para dançar de roda. O pinham estremecería com a abalada dos gaios para o vale.

Mas o domingo foi diferente.

Ninguém dera importância à notícia que os jornais resumiam em dez linhas confusas: um roubo de gado algures no Alentejo... E agora rebentava a nova na aldeia, a notícia próxima, violando até o recato das cortinas que abrigam do sol a Rua Grande. A Rua Grande é a rua aristocrática, onde habitam as três famílias principais da aldeia e as paroquianas mais «remediadas», que não precisam de sachar as hortas. Muitas vivem à moda antiga, numa sombria reclusão, tiritando ficções e sussurrando orações, e apenas saem caminho da igreja, para a comunhão diária, ou com bragadas de odorantes flores. Porém, até estas velhinas piedosas e prematuras vibraram com a notícia escaldante. Os gatunos rondavam a aldeia. Eram malteses, muitos, toda uma caravana, transportando um ror de mulas e jumentos. Alguém os vira e, tendo ocasionalmente lido o jornal, relacionara, parecera-lhá reconhecer o ferro do gado.

E a nova correra, já andava pela aldeia na boca da catraiada que gritava, em heroísmo:

– São eles, são eles... Os ladrões...

Dariam luta? E como poderiam resistir? Faziam-se previsões. A inventiva da aldeia, fortemente estimulada, desentranhava-se em hipóteses e conjecturas, enfiando que o senhor regedor, muito grave e cheio de aprumo, subia para o seu cavalo, que o filho do sacristão, todo deferente, segurava à rédea. Como os guardas e os vogais da junta não bastassem talvez para dominar os malfatores, acompanhavam-nos alguns voluntários atuchados, que se propunham «alisar o lombo aos safardanas». Foi um grande momento que a aldeia viveu: serenamente o regedor deu ordem de marcha e a comitiva, seguida a olhos estendidos, afastou-se a trote curto pelas ruas do mato.

– Que os rachem de meio a meio – auspiciava o João Rola, trabalhador honrado e velho bacalaureiro, que pontuava na taberna do Quincas.

A aldeia esperava, ansiosa.

A caravana chegou. Traziam a sucia inteira: haviam-nos surpreendido, nenhum ingrata escapar-se. Afinal eram só quatro: dois homens já velhos, muito trigueiros, uma mulher esmaiada e um garoto cheio de surrascos. Todos ciganos.

– Moinantes, cambiada, bigorrilhas – dizia a senhora Rita Delfina, a «tesourinha», que forcejava por atingir a primeira fila de espectadores.

A Rua Grande era estreita: não dava cómodo a toda a gente que queria apupar os truões.

A mulher vinha a cavalo, escarmaiada, com as guedelhas pendentes, o rosto verde de febre. Tinha sezões e o regedor concedera-lhe aquela regalia. Havia quem discordasse:

– Vale bem a pena ter atenções com esta canalha!...

Escuros, espantadiços, o olhar de bichos acuados, furtando-se à sanha do povo, que os ameaçava, os ciganos desfilavam pela Rua Grande, a caminho do curral.

Não havia cadeia naquela terra. Enquanto não seguissem para Mação, os presos ficariam no curral velho, um vasto chiqueiro abandonado, sempre estercoroso, por trás da igreja.

E à noite, espessa e morna, lentamente cobriu as formas toscas da aldeia. As vozes deixaram de soar. Depois levantou-se o vento, que trazia de pinhais distantes um cheiro a queimadas. Acendeu-se uma estrela sobre o adro, acenando com aventuras. Estaliam à janela, como nos mais idos, rogando-lhe um gosto, as mocas que se fiam na magia lenda das estrelas. No silêncio bíblico do sono fervilhavam os mistérios de sempre. E entrelaçado o solo do curral enchia-se de nodoas encarnadas, que paracem flores no meio do estrume. Era de um nítido escarlate o sangue do cigano.

(Excerto do conto *Um Domingo Diferente*, do livro de contos e novelas *A Porta dos Limões*)

VAMOS AO CINEMA

De vez em quando vamos ao cinema. Só não vamos mais vezes porque os preços não são para brincadeiras. Sobretudo aos sábados e aos domingos. Pegamos, então, num jornal e olhamos para os títulos.

Já repararam nalguns desses títulos? Muitos deles prestam-se a várias interpretações.

Resolvemos, por isso, escrever uma pequena história, tendo em conta esses mesmos títulos.

Aqui vai.

Até há bem pouco tempo a nossa Revolução não passou de «Um filme doce». Mas, muita boa gente, «Brincando com o fogo», julgou possível construir «Uma ilha no tecto do Mundo».

Vai daí, apareceu o «Homem da lei», o tal que diz: «o Governo governa».

Só que o «Homem da lei» não diz como governa, com quem governa e para quem governa. Mas isso é outro filme...

O tal «Homem» resolveu, então, empreender «A vingança de Monte Cristo», num «Breve encontro» com o «Justiceiro da noite», disse: Se não queres ser o «Tarzon, a vergonha da selva» deves desencadear uma série de «Escândalos na cidade». É claro, como os homens do «Justiceiro da noite» nada mais sabiam dizer do que «Sim, sim meu coronel», teve lugar «A golpada».

Resumindo e concluindo: neste momento vive-se uma espécie de «Núpcias de porcelana». Mas, não tenham dúvidas «Os gabaroias» que para aí andam: «Um dia de sol» há-de nascer!

Alavanca n.º 44
Janeiro 1976, pág.15

→ Na publicação *Sindicalizar Mais*, n.º 3, de Novembro de 2001, da responsabilidade do departamento de organização da CGTP-IN, na base de uma informação oral dada pelo Maestro Mário Vieira de Carvalho, a autoria da música do hino da Intersindical é atribuída a Luís Cília, através de um arranjo a partir de uma música popular russa.

Verificamos hoje, que esta informação não é correcta. E, para que conste, aí fica a correcção.

Após conversa com Luís Cília, e cruzadas as informações do maestro com as do cantor, a verdade sobre a origem e autoria do hino da Intersindical é ligeiramente diferente.

Os versos saíram de facto da pena e da inspiração de Mário Vieira de Carvalho.

Mas a música, é a música intitulada o guerrilheiro, hino das Guerrilhas da Patuleia, no Alentejo, por ocasião daquelas revoltas populares do século XIX.

Consta de um disco editado por Luís Cília, em 1974, com músicas portuguesas recolhidas por ele, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Músicas que vão do século XIX ao século XX.

Segundo Luís Cília, Mário Vieira de Carvalho terá ouvido e gostado da música, escrevendo depois os versos que lhe juntou, tendo sido assim que o hino da Intersindical foi criado.

Américo Nunes

ORIGENS E AUTORES DO HINO DA INTERSINDICAL

HUMANOS? OS RECURSOS?

→ «O título 'Recursos Humanos' é antes de mais uma reacção ao cinismo da expressão. O ser humano é gerido da mesma maneira que se gerem stocks ou capitais... Tive vontade de jogar com esse duplo sentido e ir além das expressões administrativas codificadas para poder falar sobre os recursos do humano». Foi assim que Laurent Cantet justificou o título do seu filme, o primeiro, logo premiado em vários festivais.

De facto, no filme cruzam-se situações do dia-a-dia dum sindicalista: uma empresa metalúrgica próspera, um jovem quadro saído da universidade, filho dum velho operário há dezenas de anos, cheio de sonhos e teorias, manipulado pela direcção da fábrica, prepara a introdução da redução do horário de trabalho para as 35h semanais. E fá-lo tentando fazer uma ponte entre os sindicatos e a empresa, fazendo um questionário aos trabalhadores, democrática participação, já que a organização do tempo de trabalho é fundamental na vida de quem trabalha e gere ou condiciona o tempo de lazer, próprio de cada um.

Demorou até perceber que estava a ser utilizado como pára-choque para uma redução de pessoal, despedindo até o seu próprio pai. E só o soube porque, por acaso ou curiosidade "excessiva", viu um documento no computador de trabalho do seu superior hierárquico…

O pai, entretanto não era senão um operário medroso que recusava fazer greve para que o filho não viesse a ser despedido, que tinha uma reverendíssima devoção para com os patrões.

"Recursos Humanos" não é apenas um filme, mais um filme social, vindo do cinema francês. É uma excelente oportunidade de mirar as pessoas na sua condição e na relação entre elas.

As organizações sindicais vão aparecer (aliás ligadas ao mais banal dos estereótipos) organizando a luta; a comunidade surge em apoio da "sua" fábrica.

A oficina surge como o local onde se vive a realidade da exploração do dia-a-dia, onde se exprimem todos os conflitos, ideológicos, de geração, até do cunho familiar. O realizador tem uma extrema sensibilidade na forma como nos expõe o que se passa e assume um papel testemunhal comprometido, não duvidando em assumir o seu ponto de vista.

O jovem técnico de recursos humanos vai neste ambiente agressivo e violento construindo a sua identidade. Vai-o fazendo a par e passo, nem sempre seguro, mas certo de que quer uma sociedade melhor e que pode fazer alguma coisa por isso.

Quando se vê, assim durante 90 minutos, passar diante dos olhos um conflito, uma acção sindical, uma luta que tão próxima é de tantas que fizemos, é fácil sentir-se envolvido, mas é igualmente imprescindível que aproveitemos para criar distanciamento de análise e capacidade ("auto"-) crítica que nos permita potenciar acções futuras.

O resto… bem, o resto deve mesmo ficar para quando vires o filme. E o discutires. Porque de pouco vale ficar a remoê-lo. Preciso é mesmo debatê-lo.■

"Recursos Humanos" não é apenas um filme, mais um filme social, vindo do cinema francês. É uma excelente oportunidade de mirar as pessoas na sua condição e na relação entre elas.

Ulisses Garrido
Comissão Executiva da CGTP-IN

CONHECER E RESPEITAR A MEMÓRIA PARA AGIR MELHOR NO PRESENTE

→ Sabemos bem que o que transforma o mundo é a acção, a luta, o trabalho.

Mas, conhecer as experiências do passado, sabermos como foram percorridos os caminhos que nos trouxeram ao presente, reforça a nossa identidade cultural e de classe, e ajuda seguramente a perspectivar melhor o futuro.

Embora o cultivo da história não seja um ponto forte do movimento sindical português, há sempre quem faça alguma coisa. É o caso do sindicato de hotelaria do sul (Lisboa), que assinala os 100 anos da sua fundação, em 5 de Novembro de 1908.

No âmbito das comemorações já foi feito o lançamento do livro *Diálogo com a história sindical,* da autoria de Américo Nunes, inaugurada, no dia 26 de Junho, na sede do sindicato, uma exposição alusiva ao centenário, e no final do ano será realizado um encontro nacional de dirigentes e ex-dirigentes sindicais de todo o país, onde serão homenageados os trabalhadores com mais de 25 e mais de 50 anos de sócios do sindicato.

Na exposição, aberta ao público todos os dias úteis até ao final do ano, podemos observar documentos que assinalam as principais etapas da vida do sindicato, as lutas e as conquistas dos trabalhadores.

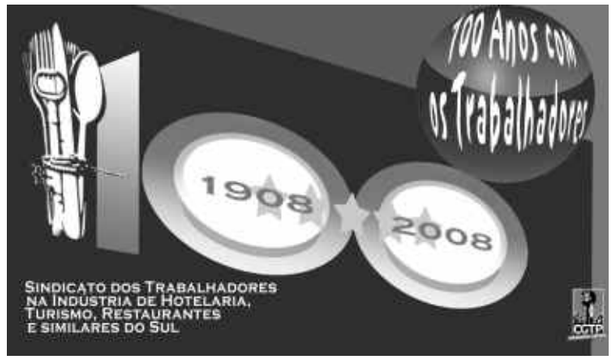
De assinalar o facto de o sindicato assumir sem preconceitos todo o seu trajecto histórico, o que nele houve de bom, mas também o que houve de mau. As vitórias, mas também as derrotas.

No trajecto assinalado podemos ver a forma como os dirigentes da época encararam o fim da monarquia e a implantação da república; a imposição, pelo governo fascista, de comissões administrativas no sindicato, em substituição das direcções eleitas pelos trabalhadores; a eleição de Salazar como sócio honorário n.º 1; a tomada do sindicato pelos trabalhadores a 29 de Abril de 1974, e a sua democratização.

Ali encontramos referências às primeiras greves, às principais lutas e reivindicações: a conquista do dia de descanso semanal, e a longa marcha da redução do horário semanal, que começou nas 113 horas em sete dias, e vai hoje nas 40 horas semanais em cinco dias; as primeiras negociações colectivas; a substituição das gorjetas e da taxa de serviço por um salário fixo; a criação da caixa de previdência; os 30 dias de férias pagas e subsídios de férias; a proibição dos despedimentos sem justa causa, e o contrato colectivo vertical de âmbito nacional, depois do 25 de Abril.

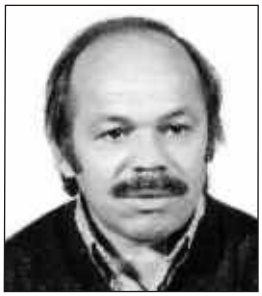
Com esta iniciativa o sindicato de hotelaria está de parabéns. Pois prova que é possível organizar e lutar, ao mesmo tempo que desenvolve uma acção cultural que é simultaneamente formativa para os seus activistas e de homenagem a todos os que lutaram e lutam pela melhoria das condições de trabalho e de vida da classe.■

Américo Nunes



INFORMAÇÕES:
Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.
Pátio do Salema, 4 – 1150-062 Lisboa
Tel.: 218 855 070
Fax: 218 855 089
E-mail:hotelariasul@sindicatosalema.mail.pt
www.sindhotelariasul.pt

CENTENÁRIO EXPOSIÇÃO



→ Virgílio Saraiva, nascido em Tomar, é membro do Conselho Nacional da CGTP-IN, licenciado em Gestão e Administração Pública pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e frequenta o mestrado em Administração e Políticas Públicas na mesma instituição.

Na adolescência publicou os primeiros poemas num jornal local. Publicou contos e poesia. Participou em diferentes antologias de poesia antes de, em1985, publicar o seu primeiro livro, *Folhas Secas* (edição do autor). Em 2007, editou pela Papiro Editora o seu primeiro romance, *A Onze de Setembro*. Este é o seu segundo romance.

A obra será apresentada no próximo dia 28 de Novembro, pelas 19h30, na Casa do Concelho de Tomar, Rua Flores de Lima, n.º 8.

→ «Será assim tão estranho o facto de uma mulher chorar? Talvez, se estivermos em Ameal, onde a notícia das desgraças raramente chega, terra de ninguém nas margens do Zêzere. Mas afinal qual a razão do seu choro?

Supostamente não tinha nada a ver com a queda da monarquia e a fuga de um tal Barão que governara as terras e as gentes como se de um senhor feudal se tratasse. Ameal parecia uma aldeia velha na história de lutas na península ibérica, onde se terão confrontado em tempos Romanos e Cartagineses, Cristãos e Muçulmanos, mas que aparentemente não existia. Mas o choro da mulher não tinha relação com questiúnculas de antanho. Muito menos com a lenda do Esganado ou a misteriosa morte de Jerónimo. O mesmo se pode referir relativamente ao refúgio dos Templários ou à desdita dos Judeus, apesar da intervenção de diferentes reis, nem que tais assuntos inquietassem alguns padres e melindrassem o bispo. O astuto almocreve passava despercebido, mas Beatriz deixou a sua marca, numa época em que Angélica e Natividade, em beatas atitudes, remiam as suas desventuras ou pecados na imponente Igreja, pouco interessadas nos lobisomens espantados pela bruxa. Nos campos limitados pela mata e pelo rio António Boeiro, pai de muitos filhos e nula fortuna, fazia pela vida como os demais. Pela vida... exactamente a razão do choro da mulher.»

SPGL

Contactos *(sede)*:
R. Fialho de Almeida, 3
1070-128 Lisboa
Tel. 213 819 100
barbaracunha@spgl.pt
[Departamento Cultural]
www.spgl.pt

MSU CULTURA, DESPORTO E TEMPOS LIVRES

■ Programação Cultural

Exposição de Cerâmica Artística e Decorativa, de Augusto Gaspar,
8 de Dezembro a 9 de Janeiro;

■ Protocolos

Centro Cultural da Malaposta
50% de desconto em todos os espectáculos;

Fundação Portuguesa das Comunicações/Museu das Comunicações
Entradas gratuitas para os sócios do SPGL.

CARTÃO CGTP

Novas Oportunidades para o Trabalhador no acesso à Cultura, Desporto e Tempos Livres

→ O Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN está a desenvolver um projecto que consiste na criação de um CARTÃO CGTP, a que vão estar associados vários benefícios para todos os trabalhadores sócios dos sindicatos filiados na CGTP-IN. O objectivo é que os trabalhadores possam ter acesso a um conjunto de bens e serviços, desde a cultura, desporto, tempos livres e possivelmente a educação, de forma mais acessível que aquilo que é normal nestas áreas.

→ O Cartão CGTP tenta assim criar, de uma forma ampla, um conjunto de benefícios que sirvam também para atrair novos sócios aos sindicatos do Movimento Sindical Unitário, contribuindo para a ocupação dos seus tempos livres.

→ Actualmente, para aceder aos benefícios, devem todos os interessados apresentar nos diversos locais com protocolo o cartão de sócio do respectivo sindicato, indicando que tem conhecimento do Protocolo com a CGTP-IN. Estamos a trabalhar para que no futuro o Cartão CGTP-IN tenha mesmo existência física.

A informação actualizada sobre o CARTÃO CGTP poderá ser consultada na página da Internet e nos vários números do boletim *CGTP Cultura*. Para mais informações deverá ser contactado o Departamento de Cultura e Tempos Livres, através da Maria José Judas, Telf. 21 323 66 59 ou maria.judas@cgtp.pt

NOVOS ACORDOS CELEBRADOS

CCB
CENTRO CULTURAL DE BELÉM
Fundação Centro Cultural de Belém
Praça do Império 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 612 700
www.ccb.pt
amigoccb@ccb.pt
20% na subscrição do Cartão Amigo CCB (30% caso a adesão seja feita por débito directo em conta)

TEATRO FÓRUM DE MOURA
Rua Cardeal Lacerda, 8
7860-018
Tel.: 960093269/966706036
www.teatroforumdemoura.blogspot.com
teatrofmoura@gmail.com
20%

ACORDOS CELEBRADOS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA
Av. Prof. Egas Moniz
2804-503 Almada
50% de desconto

A BARRACA
COMPANHIA DE TEATRO
Largo de Santos, 2
1200-808 Lisboa
Tel: 21 396 53 60
Fax: 21 395 58 45
barraca@mail.telepac.pt
www.abarraca.com
25% de desconto

A ESCOLA DA NOITE
GRUPO DE TEATRO DE COIMBRA
Rua Pedro Nunes – Oficina Municipal do Teatro
Quinta da Nora
3030-199 Coimbra
Tel: 23 971 82 38
Fax: 23 970 53 67
Telemóvel: 96 630 24 88
geral@aescoladanoite.pt
www.aescoladanoite.pt
20% de desconto

A JANGADA
COOPERATIVA PROFISSIONAL DE TEATRO
Quinta das Pocinhas > 4020 Lousada
10% de desconto

ACTA
COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE
Escritório: R. Antero de Quental, 119
8000-210 Faro
Estúdio: R. Cunha Matos, 23 > 8000-262 Faro
Tel: 289 878 908 > 289 882 703
Fax: 289 882 704
geral@actateatro.org.pt
www.actateatro.org.pt
30% de desconto

AQUILO TEATRO
Largo do Torreão s/n Apartado 134
6301 Guarda
Tel/Fax: 271 222 499
aquilo.teatro@sapo.pt
50% de desconto

CENA ABERTA
COMPANHIA TEATRAL DE SANTARÉM
Largo Padre Francisco Nunes da Silva, n.º 3
2000-134 Santarém
Tel/Fax: 243 328 854
Telemóvel: 919 850 590
(Alexandra Baptista)
cena.aberta@mail.telepac.pt
30% de desconto

CHÃO DE OLIVA
COMPANHIA DE TEATRO DE SINTRA
Rua Veiga da Cunha, 20
2710-627 Sintra
Tel: 219 233 719
Fax: 219 231 446
Telemóveis: 912 206 384
916 168 639
chaodeoliva@chaodeoliva.com
50% de desconto

CHAPITÔ
COLECTIVIDADE CULTURAL E RECREATIVA DE SANTA CATARINA
Costa do Castelo, n.º 1/7
1149-079 Lisboa
Tel: 218 855 550
Fax: 218 861 463
mail@chapito.org
www.chapito.org
25% de desconto

CIRAC
CÍRCULO DE RECREIO, ARTE E CULTURA DE PAÇOS DE BRANDÃO
Av. da Sobreira
4538-251 Paços de Brandão
Tel: 227 448 625
15% de desconto

CENDREV
CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA
Teatro Garcia de Resende
Pç. Joaquim António de Aguiar
7000 Évora
Tel: 266 703 112 > 266 741 181
cendrev@mail.evora.net
www.evora.net/cendrev
30% de desconto

COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA
TEATRO CIRCO
Av. da Liberdade, 697 – 4710-251 Braga
Tel: 253 217 167 / 253 262 403
Fax: 253 612 174
ctb@mail.telepac.pt > info@ctb.pt
www.ctb.pt
50% de desconto

COMUNA
TEATRO PESQUISA
Praça de Espanha – 1070-024 Lisboa
Tel: 21 722 17 70/6 > **Fax:** 21 722 17 71
geral@teatrocomuna.pt
www.comunateatropesquisa.pt
50% de desconto

ENSEMBLE
SOCIEDADE DE ACTORES
Travessa da Telheira – Telheiró Avioso (Santa Maria)
Tel: 229 826 318

LUA CHEIA
TEATRO PARA TODOS
R. da Casquilha, 16, 7.º Dto1500-152 Lisboa
Tel: 214 430 591 > **Fax:** 210 093 444
Telemóvel: 966 046 448 *(Ana Enes)*
teatro@luacheia.pt
www.luacheia.pt
15% de desconto

MARIONETAS, ACTORES E OBJECTOS
GRUPO DE TEATRO
Largo de São Domingos, 46 r/c
4900-330 Viana do Castelo
Telemóvel: 964 596 313 *(Carla Magalhães)*
marionetas.viana@gmail.com;
marionetas_viana@hotmail.com
www.teatrinho.com.pt
50% de desconto

QUARTA PAREDE
ASSOCIAÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS DA COVILHÃ
Rua Celestino David, lote 4, r/c dto
6200-072 Covilhã
Tel/Fax: 275 335 686
Telemóvel: 969 785 313 > 969 014 254
qp@quartaparede.com
www.quartaparede.com
40% de desconto

TEATRO 3 EM PIPA
ASSOCIAÇÃO DE CRIAÇÃO TEATRAL E ANIMAÇÃO CULTURAL
Monte Novo do Serrinho, Apartado 150
7630 Odemira
Tel: 283 386 649 > **Fax.** 283 386 649
Telemóvel: 96 233 94 69
3empipa@sapo.pt
www.teatro3empipa.com
20% de desconto

TE-ATO
GRUPO DE TEATRO DE LEIRIA
Rua Pedro Nunes, 15 (ao Terreiro)
Apartado 1066 – 2401-801 Leiria
Tel./Fax: 24 482 84 79
Telemóvel: 96 290 43 85
teatroleiria@gmail.com; te-ato@alcachofra.net
http://www.alcachofra.net/Te-Ato/
30% de desconto

TEATRO ART'IMAGEM
Rua da Picaria, 89 – 4050-478 Porto
Tel: 22 208 40 14 > **Fax:** 22 208 40 21
producao@teatroartimagem.org
www.teatroartimagem.org
30% de desconto

TEATRO CASA DA COMÉDIA
FILIPE CRAWFORD/PRODUÇÕES TEATRAIS
R. São Francisco de Borja, n.º 22 –1200-843 Lisboa
Tel: 213 959 417/8 > **Fax:** 213 959 419
casadacomedia@mail.telepac.pt
www.filipecrawford.com
Desconto conforme a época teatral

TEATRO DA CORNUCÓPIA
TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raúl Cascais, 1-A – 1250-268 Lisboa
Tel: 213 961 515 / 213 969 205 > **Fax:** 213 954 508
info@teatro-cornucopia.pt
www.teatro-cornucopia.pt/htmls/home.shtml
20% de desconto

TEATRO DA GARAGEM
TEATRO TABORDA
Costa do Castelo, 75 – 1100-178 Lisboa
Tel: 218 854 190 > **Fax:** 218 688 550
geral@teatrodagaragem.com
www.teatrodagaragem.com
50% de desconto

TEATRO DAS BEIRAS
Travessa da Trapa, 2 – Apartado 261
6201-909 Covilhã
Tel: 275 336 163 > **Fax:** 275 334 585
Telemóvel: 96 305 59 09
geral@teatrodasbeiras.pt
www.teatrodasbeiras.pt/home.asp
40% de desconto

TEATRO DE ANIMAÇÃO DE SETÚBAL
Forum Municipal Luisa Todi – 2900 Setúbal
Tel: 265 532 402 > **Fax:** 265 229 130
tas.setubal@netcabo.pt
25% de desconto

TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO
Rua de Belomonte, 57 – 4050-097 Porto
Tel: 222 083 341> **Fax:** 222 083 243
teatro@marionetasdoporto.pt
www.marionetasdoporto.pt
20% de desconto

TEATRO DO BOLHÃO
ACADEMIA CONTEMPORÂNEA DO ESPECTÁCULO
Praça Coronel Pacheco, n.º 1 – 4050-453 Porto
Tel: 222 089 007 > **Fax:** 222 080 052
teatrodobolhao@ace-tb.com
50% de desconto

TEATRO DO NOROESTE
TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA
Rua Sá de Miranda – 4900 Viana do Castelo
Tel: 258 822 805
teatro-municipal@cm-viana-castelo.pt
www.cm-viana-castelo.pt/teatro/noroeste.htm
50% de desconto

TEATRO D'O SEMEADOR
TEATRO DE PORTALEGRE
Convento de Santa Clara Apartado 264
7300-901 Portalegre — **Tel:** 245 207 894
25% de desconto

TEATRO DOS ALOÉS
COMPANHIA PROFISSIONAL DE TEATRO
Rua António Ferreira, n.º 1 - 9.º Dto
2700-134 Santarém
50% de desconto

TEATRO ESFERA
Rua Cidade Desportiva
2745-012 Queluz
Tel: 21 430 34 04 > **Fax:** 21 430 17 57
geral@teatroesfera.com
http://www.teatroesfera.com
50% de desconto

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO
Av. Marechal Carmona, 6 B
Tel: 214 670 320 > **Fax:** 214 832 186
t.e.c@netcabo.pt
www.tecascais.org
50% de desconto

TEATRO EXTREMO
Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124
2801-801 Almada
Tel: 212 742 220
212 723 660 *(Escritório)*
Fax: 212 723 669 *(Escritório)*
teatro@teatroextremo.com
www.teatroextremo.com/te.htm
25% de desconto

TEATRO INFANTIL DE LISBOA
Rua Tereiro do Trigo, n.º 66, 5.º C
1100-604 Lisboa
Tel: 218 860 503
217154 057 *(Bilheteira)*
Fax: 218 872 558
info@til-tl.com
www.til-tl.com
7,00€ de desconto por bilhete

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
Praça da Batalha – 4000-102 Porto
Linha verde: 800 108 675
Tel: 223 401 900
Fax: 222 088 303
geral@tnsj.pt
www.tnsj.pt
5€ na compra de bilhetes para os espectáculos do TNSJ, para lugares de Plateia (também no Teatro Carlos Alberto) e Tribuna;
50%, incluindo acompanhante, mediante aquisição dos bilhetes com 48 horas de antecedência.

TEATRO O BANDO
Vale de Barris – Apartado 152
2950-055 Palmela
Tel: 212 336 850
Fax: 212 334 241
geral@obando.pt
www.obando.pt
Preço único de 5€

TEATRO PÉ DE VENTO
COLECTIVO DE ANIMAÇÃO TEATRAL
Rua da Vilarinha, 1386
4100-513 Porto
Tel: 226 108 924
pevento@clix.pt
50% de desconto